

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

## **TEMPO E ESPAÇO EM SATOLEP, DE VITOR RAMIL**

**Clarisse Lyra Simões<sup>1</sup>; Aleilton Santana da Fonseca<sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduada em Letras com Espanhol, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [clarisse\\_lyra@hotmail.com](mailto:clarisse_lyra@hotmail.com)
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [aleilton@terra.com.br](mailto:aleilton@terra.com.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura brasileira, ficção, Vitor Ramil.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho apresenta uma análise interpretativa do romance *Satolep* (2008), do escritor gaúcho Vitor Ramil (1962-), que se concentra em dois aspectos correlacionados da narrativa: o tempo e o espaço. Satolep, cidade que dá título ao romance, é palíndromo de Pelotas (cidade gaúcha) no nome e, ao mesmo tempo, funciona como uma espécie de subversão sua, representada através da memória afetiva e das fotografias do personagem-narrador, Selbor. Este homem, nascido em Satolep, está de volta à cidade depois de muitos anos passados fora, em viagens pelo Brasil e pelo mundo. Desembarcando na cidade no dia de seu aniversário de trinta anos, ele encara seu retorno como o fechamento de um círculo, ou como o prolongamento de uma trajetória cíclica, e inicia então uma investigação subjetiva sobre as relações entre a cidade e o homem.

É possível distinguir duas instâncias narrativas dissociadas no romance: uma principal, na qual Selbor é o narrador; e uma secundária, mas não menos importante, que se constitui de pequenos textos (ficções dentro da ficção) narrados por diferentes personagens, mas atribuídos à autoria de um jovem visionário que cruza com Selbor no início da história. O tempo da narrativa não chega a ser totalmente explicitado, pois, ainda que as fotografias integrantes do livro datem do início do século XX, poucas são as referências temporais claras a um período determinado, levando-nos a crer que a ação está disposta em um tempo mítico.

Deste modo, buscou-se investigar como se dá a manipulação temporal nesta narrativa, bem como apurar quais os níveis de exploração do espaço urbano nela retratado, para, então, estabelecer de que forma o tratamento dispensado a estes dois aspectos influi na organização romanesca – no enredo, na compleição dos personagens, na disposição do texto, no estilo narrativo, na linguagem, etc. – e, por outro lado, como eles se relacionam entre si, quanto à sua interdependência na sustentação do projeto narrativo de Ramil.

### **PERCURSO METODOLÓGICO**

O presente trabalho foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa, de procedimento bibliográfico. Segundo Teixeira (2007, p. 137), a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela tentativa de redução da “distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação”. Já por procedimento bibliográfico, entendemos que ele visa a “conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

problema” (CERVO e BERVIAN, 2007, p. 60), e que, conforme Gil (1991, p. 48), “embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”, o que vem a ser o nosso caso. Seu principal instrumento foi a análise de componentes estruturais do discurso literário, amparada em conceitos fornecidos pela teoria da literatura, especialmente aquela que se ocupa dos fenômenos estéticos e formais.

O desenvolvimento da pesquisa contou com vários momentos, a começar pela leitura minuciosa do romance *Satolep*, acompanhada do levantamento de dados quanto aos aspectos aqui estudados – tempo e espaço. A seguir, o levantamento de dados passou a ser feito entre a bibliografia recomendada, buscando-se aí chaves conceituais para a compreensão dos fenômenos encontrados no romance. Esse processo de leitura e preparação foi acompanhado da realização de fichamentos e resenhas, que ajudaram a sistematizar os dados que seriam cotejados com os aspectos destacados do texto de Ramil, advindo daí uma análise ampla e fundamentada do objeto de estudo.

## DISCUSSÃO

A rigor, não podemos estudar a representação da cidade em *Satolep* da mesma forma que estudamos a representação de uma metrópole no romance do século XIX ou de uma megalópole no novo romance brasileiro, por exemplo. Em primeiro lugar, porque, no século XIX, a metrópole, ainda que bastante avultada nos romances, se configurava ainda como um pano de fundo, um cenário que possibilitava a ação romanesca. No atual romance brasileiro, por outro lado, ainda que determinadas obras tenham a cidade como tema – como é o caso de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato –, em *Satolep* o paradigma de representação é diferente.

É diferente, primeiramente, devido ao fato de *Satolep* não ser uma cidade pertencente a um tempo determinado, real. Ao passo que não se pode dizer que ela é uma cidade atual, dos anos 2000, devido às características de época que apresenta, tampouco se pode afirmar que ela seja, a rigor, uma cidade do início do século XX. Isto é: apesar de ela apresentar características próprias desse período, a narrativa está disposta em um tempo a-histórico, possivelmente mítico.

De todo modo, a representação que Ramil faz de *Satolep* é, acima de tudo, movida pela subjetividade. O problema que ele se propõe não é apenas: como representar a cidade, essa entidade complexa, “como transformá-la em algo além da mera soma de seus telhados?” (JOHNSON, 2009, p. 870); mas: como representar *Satolep*, a cidade que não existe, mas que Pelotas poderia ter sido? Como representar essa cidade mítica, misto de rigor e melancolia? Como representar a *Satolep* de minha memória afetiva ou, de todo modo, de minha imaginação? Podemos perceber, a partir deste ponto, como a problemática proposta pelo autor impõe à narrativa a presença de um narrador em primeira pessoa que, estando também às voltas com o que essa cidade representa para ele, conduza o discurso, em busca de respostas para como ele pode se encontrar nela.

Se, em meados do século XIX, o romancista se deparou com o problema de como representar a cidade, ou, ainda, a metrópole e suas multidões, esse dado novo da vida cidadina, no início do século XXI, já são encontráveis na vasta literatura produzida até então inúmeras soluções para esse problema. A cidade encontrou tratamentos exemplares na poesia e na prosa dos séculos XIX e XX. É claro que cada autor precisa encontrar suas próprias soluções, de acordo com seu estilo e pretensões, mas o fato é que esse problema não se afigura mais com tanto

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

imperativo ao escritor do século XXI. A cidade não é mais um dado novo para ele, mas algo já esgotado na vivência diária. A literatura do século XXI, portanto, vai tratar precisamente desse desgaste da cidade, de seu aniquilamento enquanto projeto de desenvolvimento, cuja execução só conseguiu acentuar as desigualdades e apagar parte significativa de sua memória coletiva. Mas a representação empreendida por Vitor Ramil tampouco vai se enquadrar neste paradigma comum a este início de século; pelo menos não completamente.

Podemos dizer, então, que Ramil interessa-se, em *Satolep*, em explorar a cidade a partir de quatro níveis: o primeiro diz respeito à interpenetração na relação entre a cidade e o homem, exposta na fala de João Simões: “O homem faz a cidade, a cidade faz o homem” (RAMIL, 2009, p. 47) – o que leva à subjetivação da experiência urbana; o segundo tem a ver com a representação de uma cidade imaginária, mnemônica em parte, que é, ao mesmo tempo, criação sua e subversão da Pelotas do álbum de 1922; o terceiro propõe a exploração estética dessa cidade e das possibilidades de sugestão formal que ela oferece à narrativa – não só no nível poético ou retórico, mas também na organização do texto, no estilo e no enredo; e o quarto nível, que é o mais oculto e também o mais simbólico: a denúncia, em forma de vaticínio, da destruição arquitetônica de Pelotas – que sobreveio com a modernização da cidade.

Não se pode dizer, portanto, que este romance, por tratar de uma cidade arquetípica em um tempo indefinido, esteja deslocado dos atuais anseios do homem frente à cidade contemporânea. Muito provavelmente, foi justamente o descompasso entre o que a cidade deveria ser e o que ela realmente é – ou seja, a inconformidade com a sina da cidade contemporânea: o apagamento das referências e do patrimônio arquitetônico –, que gerou esse romance.

A cada um desses níveis determinados da exploração do espaço urbano, estão ligadas categorias de representação da cidade. Ao todo, foram identificadas cinco dessas categorias no texto de Ramil. O primeiro nível compõe-se do recurso à subjetivação; o segundo nível liga-se também à subjetivação e, por outro lado, ao clima; o terceiro nível está atrelado à geometrização e aos espelanismos; e o quarto nível diz respeito ao desejo de preservação. Cabe ressaltar que estas cinco categorias aqui definidas encontram-se interligadas umas às outras, fazendo do texto uma rede interdependente de elementos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Satolep*, portanto, tempo e espaço ocupam posição central na disposição da narrativa. É a partir destes elementos que se configuram todos os outros aspectos do romance: estilo, linguagem, narrador, enredo, personagens. A sua interdependência na sustentação do projeto estético-narrativo de Ramil é notável: muito embora *Satolep*, a cidade, caracterize-se como uma protagonista do romance, cuja influência sobre os demais aspectos é marcante, a sua realização textual (a sua invenção) só se torna possível mediante a criação de um tempo incógnito, mítico, que permite a disposição arquetípica do espaço urbano e de seus componentes. Por outro lado, o tempo cíclico que se manifesta no romance, manipulado de forma magistral pelo autor, somente se realiza devido à configuração simétrica e lógica da cidade, que exige, por força de expressar-se plenamente, uma refração temporal.

## REFERÊNCIAS

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

JOHNSON, Steven. Complexidade urbana e enredo romanesco. In: MORETTI, Franco. **O romance: a cultura do romance**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo, 2001.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2007.